

Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos
(Organizador)

Linguística, letras e artes

e o complexo pensamento humano

2



Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos
(Organizador)

Linguística, letras e artes

e o complexo pensamento humano

2



Editora chefe

Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Editora executiva

Natalia Oliveira

Assistente editorial

Flávia Roberta Barão

Bibliotecária

Janaina Ramos

Projeto gráfico

Camila Alves de Cremo

Daphynny Pamplona

Gabriel Motomu Teshima

Luiza Alves Batista

Natália Sandrini de Azevedo

Imagens da capa

iStock

Edição de arte

Luiza Alves Batista

2021 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do texto © 2021 Os autores

Copyright da edição © 2021 Atena Editora

Direitos para esta edição cedidos à Atena Editora pelos autores.

Open access publication by Atena Editora



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição Creative Commons. Atribuição-Não-Comercial-Não-Derivativos 4.0 Internacional (CC BY-NC-ND 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação com base em critérios de neutralidade e imparcialidade acadêmica.

A Atena Editora é comprometida em garantir a integridade editorial em todas as etapas do processo de publicação, evitando plágio, dados ou resultados fraudulentos e impedindo que interesses financeiros comprometam os padrões éticos da publicação. Situações suspeitas de má conduta científica serão investigadas sob o mais alto padrão de rigor acadêmico e ético.

Conselho Editorial**Linguística, Letras e Artes**

Profª Drª Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins

Profª Drª Angeli Rose do Nascimento – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro

Profª Drª Carolina Fernandes da Silva Mandaji – Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Profª Drª Denise Rocha – Universidade Federal do Ceará

Profª Drª Edna Alencar da Silva Rivera – Instituto Federal de São Paulo

Profª Drª Fernanda Tonelli – Instituto Federal de São Paulo



Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná

Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná

Profª Drª Miraniilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará

Profª Drª Sandra Regina Gardacho Pietrobon – Universidade Estadual do Centro-Oeste

Profª Drª Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia



Linguística, letras e artes e o complexo pensamento humano 2

Diagramação: Daphynny Pamplona
Correção: Yaiddy Paola Martinez
Indexação: Amanda Kelly da Costa Veiga
Revisão: Os autores
Organizador: Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

L755 Linguística, letras e artes e o complexo pensamento humano
2 / Organizador Adaylson Wagner Sousa de
Vasconcelos. – Ponta Grossa - PR: Atena, 2021

Formato: PDF
Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader
Modo de acesso: World Wide Web
Inclui bibliografia
ISBN 978-65-5983-789-2
DOI: <https://doi.org/10.22533/at.ed.892212012>

1. Linguística. 2. Letras. 3. Artes. I. Vasconcelos,
Adaylson Wagner Sousa de (Organizador). II. Título.

CDD 410

Elaborado por Bibliotecária Janaina Ramos – CRB-8/9166

Atena Editora
Ponta Grossa – Paraná – Brasil
Telefone: +55 (42) 3323-5493
www.atenaeditora.com.br
contato@atenaeditora.com.br



DECLARAÇÃO DOS AUTORES

Os autores desta obra: 1. Atestam não possuir qualquer interesse comercial que constitua um conflito de interesses em relação ao artigo científico publicado; 2. Declaram que participaram ativamente da construção dos respectivos manuscritos, preferencialmente na: a) Concepção do estudo, e/ou aquisição de dados, e/ou análise e interpretação de dados; b) Elaboração do artigo ou revisão com vistas a tornar o material intelectualmente relevante; c) Aprovação final do manuscrito para submissão.; 3. Certificam que os artigos científicos publicados estão completamente isentos de dados e/ou resultados fraudulentos; 4. Confirmam a citação e a referência correta de todos os dados e de interpretações de dados de outras pesquisas; 5. Reconhecem terem informado todas as fontes de financiamento recebidas para a consecução da pesquisa; 6. Autorizam a edição da obra, que incluem os registros de ficha catalográfica, ISBN, DOI e demais indexadores, projeto visual e criação de capa, diagramação de miolo, assim como lançamento e divulgação da mesma conforme critérios da Atena Editora.



DECLARAÇÃO DA EDITORA

A Atena Editora declara, para os devidos fins de direito, que: 1. A presente publicação constitui apenas transferência temporária dos direitos autorais, direito sobre a publicação, inclusive não constitui responsabilidade solidária na criação dos manuscritos publicados, nos termos previstos na Lei sobre direitos autorais (Lei 9610/98), no art. 184 do Código Penal e no art. 927 do Código Civil; 2. Autoriza e incentiva os autores a assinarem contratos com repositórios institucionais, com fins exclusivos de divulgação da obra, desde que com o devido reconhecimento de autoria e edição e sem qualquer finalidade comercial; 3. Todos os e-book são *open access*, *desta forma* não os comercializa em seu site, sites parceiros, plataformas de *e-commerce*, ou qualquer outro meio virtual ou físico, portanto, está isenta de repasses de direitos autorais aos autores; 4. Todos os membros do conselho editorial são doutores e vinculados a instituições de ensino superior públicas, conforme recomendação da CAPES para obtenção do Qualis livro; 5. Não cede, comercializa ou autoriza a utilização dos nomes e e-mails dos autores, bem como nenhum outro dado dos mesmos, para qualquer finalidade que não o escopo da divulgação desta obra.



APRESENTAÇÃO

Em **LINGUÍSTICA, LETRAS E ARTES E O COMPLEXO PENSAMENTO HUMANO 2**, coletânea de dezenove capítulos que une pesquisadores de diversas instituições, congregamos discussões e temáticas que circundam a grande área da Linguística, Letras e Artes e dos diálogos possíveis de serem realizados com as demais áreas do saber.

Temos, no presente volume, dois grandes grupos de reflexões que explicitam essas interações. Neles estão debates que circundam estudos linguísticos e estudos sobre leitura e ensino.

Estudos linguísticos traz análises sobre gramática, historiografia, enunciação, encenação discursiva, aquisição, linguagem, polidez linguística, multimodalidade textual, sociolinguística, direitos linguísticos, minorias, variação linguística, preposição e língua indígena.

São verificadas, em estudos sobre leitura e ensino, contribuições que versam para conteúdos como perspectiva dialógica, intersubjetividade, currículo, formação de professores, multiculturalismo, ensino híbrido, ensino de espanhol, aprendizagem de crianças e síndrome de down.

Assim sendo, convidamos todos os leitores para exercitar diálogos com os estudos aqui contemplados.

Tenham proveitosas leituras!

Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1..... 1

REGNA BRASILLICA: CONTEXTO DA ARTE DE GRAMÁTICA DA LÍNGUA MAIS USADA NA COSTA DO BRASIL (1595) DE S. JOSÉ DE ANCHIETA, SJ (1534-1597)

Leonardo Ferreira Kaltner

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.8922120121>

CAPÍTULO 2..... 9

ENTRE PASSADO E PRESENTE: ANÁLISE REFLEXIVA DA OBRA “RUMOS DA LINGUÍSTICA BRASILEIRA NO SÉCULO XXI: HISTORIOGRAFIA, GRAMÁTICA E ENSINO”

Walter Duarte Monteiro Neto

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.8922120122>

CAPÍTULO 3..... 14

ENUNCIÇÃO E ENCENAÇÃO DISCURSIVA NA ENTREVISTA DE FERNANDO HADDAD NAS ELEIÇÕES DE 2018

Aline Priscila Maciel de Moraes

Maysa de Pádua Teixeira Paulinelli

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.8922120123>

CAPÍTULO 4..... 28

A RELEVÂNCIA DO CRIAR COMO UM DIFERENCIAL PARA A AQUISIÇÃO E DESENVOLVIMENTO DA LINGUAGEM

Elizabeth Matilda Oliveira Williams

Moniki Aguiar Mozzer Denucci

Carlos Henrique Medeiros de Souza

Leonard Barreto Moreira

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.8922120124>

CAPÍTULO 5..... 41

POLIDEZ LINGUÍSTICA EM RESPOSTAS A ELOGIOS NO FACEBOOK

Anáira Ramos Gomes

Benedita Maria do Socorro Campos de Sousa

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.8922120125>

CAPÍTULO 6..... 60

MULTIMODALIDADE TEXTUAL: UM AVANÇO SOCIOLINGUÍSTICO NO PROCESSO COMUNICATIVO DIGITAL COM O USO DE *EMOJIS*, *GIFS* E FIGURINHAS

Alex Sandro Peixoto Medeiros

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.8922120126>

CAPÍTULO 7..... 82

O DISCURSO EM LIBRAS: LÓCUS DE SIGNIFICADOS SOCIOESTILÍSTICOS

Aleilde Tavares da Silva

Zanado Pavão Sousa Mesquita
Maria da Guia Taveiro Silva

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.8922120127>

CAPÍTULO 8..... 96

LANGUAGE RIGHTS AND LINGUISTIC MINORITIES IN CENTRAL AND WESTERN BALKANS

Daniela-Carmen Stoica

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.8922120128>

CAPÍTULO 9..... 107

A VARIÁVEL SEXO/GÊNERO EM PESQUISAS VARIACIONISTAS DE FALA ESLAVA

Luciane Trennephol da Costa

Letícia Michalowski

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.8922120129>

CAPÍTULO 10..... 119

TRANSFERÊNCIA DO USO DA PREPOSIÇÃO “DESDE” POR APRENDENTES HISPANOFALANTES

Maria Gessy Nunes de Souza

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.89221201210>

CAPÍTULO 11..... 134

EL RESCATE DE LA LENGUA UCHUMATAQU DE IRUHITO URUS A PARTIR DE LOS SABERES DE LOS SABIOS INDIGENAS

María Sandra Esther Vedia Garay

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.89221201211>

CAPÍTULO 12..... 145

A LEITURA NA PERSPECTIVA DIALÓGICA BAKHTINIANA: UMA FORMA DE INTERAÇÃO DISCURSIVA

Renata Faria Amaro da Silva da Rosa

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.89221201212>

CAPÍTULO 13..... 155

UMA PROPOSTA DE LEITURA COMO PROCESSO DE INTERSUBJETIVIDADE

José Luiz Marques

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.89221201213>

CAPÍTULO 14..... 164

CURRÍCULO EDUCACIONAL E FORMAÇÃO DE PROFESSORES

Lucimar Araujo Braga

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.89221201214>

CAPÍTULO 15.....	174
O MULTICULTURALISMO E O ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA	
Rodrigo Augusto Kovalski	
Sérgio de Andrade	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.89221201215	
CAPÍTULO 16.....	187
EXPERIMENTAÇÃO DA MODALIDADE DE ENSINO HÍBRIDO BUSCANDO A INSERÇÃO NO SISTEMA EDUCACIONAL BRASILEIRO	
Thainá de Deus Lima	
Vilmar do Nascimento Rocha	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.89221201216	
CAPÍTULO 17.....	197
ANDAIMENTO COM DICIONÁRIOS NO ENSINO DE ESPANHOL COMO LÍNGUA ESTRANGEIRA: UMA PROPOSTA	
Laura Campos de Borba	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.89221201217	
CAPÍTULO 18.....	211
O ENSINO DE ESPANHOL NAS SÉRIES INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL: UM OLHAR PARA A ALFABETIZAÇÃO BILÍNGUE	
Daniele Oliveira André Magalhães	
Joseane de Souza Cortez	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.89221201218	
CAPÍTULO 19.....	218
INFLUÊNCIA DOS ESTÍMULOS NO DESENVOLVIMENTO DA APRENDIZAGEM DA CRIANÇA COM SÍNDROME DE DOWN: RELATO DE CASO	
Regina Célia Roela	
Francinéia Aparecida Freitas da Silva	
Thaisa Fernanda Queiroz de Souza	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.89221201219	
SOBRE O ORGANIZADOR.....	230
ÍNDICE REMISSIVO.....	231

CAPÍTULO 1

REGNA BRASILLICA: CONTEXTO DA ARTE DE GRAMÁTICA DA LÍNGUA MAIS USADA NA COSTA DO BRASIL (1595) DE S. JOSÉ DE ANCHIETA, SJ (1534-1597)

Data de aceite: 01/11/2021

Leonardo Ferreira Kaltner

Universidade Federal Fluminense¹

Publicado, originalmente, em *Anais do XXXV Enanpoll*, 2020.

RESUMO: Descrevemos e analisamos a contextualização do pensamento linguístico de S. José de Anchieta, SJ (1534-1595), a partir de sua obra *Arte de gramática da língua mais usada na costa do Brasil* (1595), escrita a partir do ano de 1554, em São Vicente, publicada na tipografia-régia da Universidade de Coimbra no final século XVI. A fundamentação teórico-metodológica de que nos valem se vincula ao campo da Historiografia da Linguística (HL), a partir dos modelos propostos por Konrad Koerner (1996) e Pierre Swiggers (2013). Valemo-nos do conceito de influência de Swiggers e do princípio de contextualização de Koerner, para analisar o contexto e o clima intelectual da época, o Brasil quinhentista, em interação com a tradição do humanismo renascentista português, na sua recepção pelos jesuítas ibéricos.

PALAVRAS-CHAVE: Historiografia Linguística, Gramaticografia, Humanismo renascentista português, José de Anchieta.

HISTÓRIA DA LINGUÍSTICA NO BRASIL QUINHENTISTA

O projeto *Regna Brasillica: o Brasil quinhentista à luz da Historiografia Linguística (HL)* é desenvolvido pelo Grupo de Pesquisas Filologia, línguas clássicas e línguas formadoras da cultura nacional (FILIC/UFF/CNPq), na Universidade Federal Fluminense, vinculado ao Programa de Pós-graduação em Estudos de Linguagem da referida instituição. Um dos objetivos do projeto é escrever uma história da Linguística do Brasil quinhentista, analisando a recepção da corrente de pensamento do humanismo renascentista português, sobretudo, na obra de S. José de Anchieta, SJ (1534-1597).

A fundamentação teórico-metodológica do projeto é vinculada à disciplina de Historiografia Linguística (HL), para analisar os documentos renascentistas humanísticos, em um aporte interdisciplinar com a Ecolinguística (EL), para descrever as comunidades indígenas e africanas quinhentistas no processo de colonização. Como método, para a análise documental, a Crítica Textual (CT) é empregada, com a finalidade de reeditar e traduzir documentos relativos ao período histórico analisado. Acreditamos, após analisar as edições modernas, ser necessária uma nova edição crítica da gramática de Anchieta, com tradução e aparato crítico comparativo com

¹ Publicado, originalmente, em *Anais do XXXV Enanpoll*, 2020.

outras gramáticas da época, isto é, investigando a interdisciplinaridade de sua gramática com outras coevas, ou seja, um estudo de gramaticografia renascentista comparativa.

Pierre Swiggers ao comentar as tarefas do historiógrafo da Linguística no Brasil explicita o posicionamento que o historiógrafo deve desenvolver nesse processo:

there is much interesting work to be undertaken in the field of the historiography of Brazilian linguistics. On the one hand, there remains much to be done in terms of study of authors, texts, academic curricula, etc.; on the other hand, there is much that remains to be done in terms of perspectives: the history of Brazilian linguistics lends itself not only to a study from the point of view of the history of science, but also from a sociolinguistic and sociological point of view, from an ecological-linguistic point of view, and from the point of view of institutional history and cultural history" (SWIGGERS, 2015, p. 7).

O estudo de autores, textos, currículos acadêmicos devem se orientar pela História da Ciência, mas não somente, tendo em vista o desenvolvimento desigual na sociedade brasileira, pelo processo de colonização longo² e, por outro lado, pela independência e pela abolição da escravatura tardios. Dessa forma, uma perspectiva sociolinguística e sociológica, ou até mesmo ecolinguística, se torna necessária, a fim de tecer a história institucional e cultural do desenvolvimento do pensamento linguístico no Brasil, conforme Swiggers. Nesse aspecto, convém ponderar como se desenvolveria uma História da Linguística no Brasil quinhentista, cuja intelectualidade era sobremaneira vinculada à política missionária.

O linguista Aryon Dall'Igna Rodrigues, por décadas, sistematizou pela Linguística Histórica os grupamentos de línguas indígenas, interpretando a documentação do Brasil à época colonial, em relação às línguas indígenas (RODRIGUES, 2005). Seus estudos servem de base para a Linguística sobre o tema até hoje e constituem-se como referência para a implantação de uma reflexão historiográfica sobre o pensamento linguístico no Brasil quinhentista. Ainda que a HL tenha como escopo analisar obras como a gramática de Anchieta, o conhecimento derivado da Linguística Histórica (LH) é de fundamental valia para a fase hermenêutica da pesquisa. Compreender a língua descrita por Anchieta não é uma tarefa linguística simples, conforme atesta Cavaliere:

Há hoje, portanto, uma série de hipóteses que, dado o estado da pesquisa, devem ser isonomicamente respeitadas, uma vez que são todas dotadas de um *minimum* de plausibilidade científica. Assim, podem-se hoje elencar ao menos cinco vertentes quanto à natureza da língua que repousa nas páginas da *Arte*: a) uma língua pura, sem traços de contato com quaisquer outras,

2 A desigualdade social no Brasil quinhentista deriva da colonização, como descreveu Celso Furtado: "A ocupação econômica das terras americanas constitui um episódio da expansão comercial da Europa. Não se trata de deslocamentos de população por pressão demográfica – como fora o caso da Grécia – ou de grandes povos determinados pela ruptura de um sistema cujo equilíbrio se mantivesse pela força – caso das migrações germânicas em direção ao ocidente e sul da Europa. O comércio interno europeu, em intenso crescimento a partir do século XI, havia alcançado um elevado grau de desenvolvimento no século XV, quando as invasões turcas começaram a criar dificuldades crescentes às linhas orientais de abastecimento" (FURTADO, 1977, p. 5). As Américas estariam no caminho das rotas alternativas para a expansão comercial e as colônias seriam, inicialmente, entrepostos. Inicialmente, a colonização do Brasil contava com quatro feitorias apenas, até o regime de capitanias de 1534.

não obstante dotada de variantes diatópicas bem definidas ao longo da costa brasileira; b) um *pidgin* emergente do contato entre os índios e os primeiros colonos portugueses; c) um crioulo de base tupi, oriundo do contato entre esta língua e a vertente do português que se falava no Brasil no século XVI; d) um anticrioulo decorrente da impregnação de vocábulos e traços fonológicos do português no tupi; e) uma língua autóctone (o tupi) dotada de traços supertráticos do português. Outras hipóteses menos plausíveis, não obstante fundadas em fatos históricos, podem-se somar a estas, como a de um crioulo em que se integraram traços do tupi, do holandês e do português, tendo em vista a miscigenação étnica da região em que se falava a língua descrita por Anchieta (CAVALIERE, 2000, p. 1162).

Após o estabelecimento oficial da colônia, o Estado do Brasil, com a criação do governo-geral, em 1549, uma rede de instituições educacionais e missionárias do Brasil quinhentista se desenvolveu. A gramática de Anchieta, a *Arte de gramática da língua mais usada na costa do Brasil* (1595), é documento central para análise do pensamento linguístico no Brasil quinhentista, tendo sido derivada de um círculo intelectual missionário e humanístico na colonização do Brasil. Sua redação inicial se dá entre 1554 e 1556, mas sua publicação final ocorre em Coimbra em 1595, na tipografia-régia (CARDOSO, 1990). O círculo intelectual quinhentista de intérpretes, indígenas e europeus, e de missionários e colonos, com formação humanística, que estão vinculados à obra de Anchieta formou o primeiro núcleo de desenvolvimento de reflexões metalinguísticas na América portuguesa.

Pode-se dividir o projeto missionário no Brasil quinhentista em um período inicial empírico, predominantemente franciscano, entre 1500 e 1549, e um período institucional posterior jesuítico, de 1549 até o final do século, em que chegam, oficialmente, outras ordens religiosas ao Brasil (KALTNER, 2020). Registram-se dois colégios franciscanos espanhóis para indígenas carijós, no projeto colonial conhecido como *Mbiaçá* entre 1538-1548, em Laguna, atual Santa Catarina, enquanto a presença franciscana portuguesa é notada por todo o século, sobretudo com as comunidades tabajara e potiguar, no Nordeste do Brasil quinhentista, em Pernambuco e na Paraíba, respectivamente.

Houve um período de institucionalização jesuítica, após o governo-geral, em 1549, e anterior à *Ratio Studiorum*, em 1599, com a fundação de três colégios jesuíticos e cinco escolas de bê-á-bá, ou de ler e escrever, nos principais centros coloniais: Salvador, Rio de Janeiro e Recife/Olinda, além das missões indígenas. Registra-se, porém, a chegada oficial de outras ordens religiosas ao Brasil quinhentista, a partir da União Ibérica em 1580, tornando o cenário missionário mais complexo. Encerrando esse ciclo institucional missionário, a gramática de Anchieta é editada em Coimbra em 1595, por fim, havendo ainda um vocabulário do idioma dos Tupinambás redigido, provavelmente, no século XVI (RODRIGUES, 2005; CAVALIERE, 2000).

A gramática de Anchieta teria sido utilizada ao longo de todo o século XVI no Brasil quinhentista, pelos jesuítas, tendo sido publicada em Coimbra em 1595, provavelmente para o uso entre missionários que se preparariam para a vinda ao Brasil. A gramática de

Anchieta foi sucedida pela *Arte da língua brasílica* (1621) de Figueira, como atesta a nota de aprovação do texto setecentista:

Aprovação. Por ordem do Pe. Francisco Fernandes da Companhia de Jesus, Reitor deste Colégio de Pernambuco, vi com curiosidade, e devagar examinei a *Arte da língua Brasílica* composta pelo Pe. Luiz Figueira da mesma Companhia: e na infalibilidade das regras gerais que dá, e nas anotações particulares, que põe, e exceções que tira, não achei falência alguma, que fosse contra o comum falar dos índios do Brasil. Na ordem, e disposição das coisas, que propõe, na clareza das regras, e preceitos, que de novo dá para as formações dos verbos, e seus modos, e tempos; na mudança que faz de alguns destes, e outras coisas curiosas, que de novo acrescentou, fica a obra muito proveitosa, e curiosa; e se deve ao Pe. Luiz Figueira muito agradecimento, por facilitar com seu trabalho o muito que os que aprendem esta língua Brasílica costumam ter; **não obstante a arte do Pe. Joseph de Anchieta, que por ser o primeiro parto ficou muito diminuta, e confusa, como todos experimentamos**, e se coisa há de língua do Brasil, que com mais proveito se possa imprimir é esta arte para o fim sobredito. Olinda, em 09 de dezembro de 1620. Manuel Cardoso (FIGUEIRA, 1621, p. 4, grifo nosso).

O Estado do Brasil, chamado de *Regna Brasílica* na literatura novilatina de Anchieta, se estabeleceu em 1549, após a instalação do governo-geral, na oficialização de posse da colônia portuguesa ultramarina. Esse ponto de ancoragem é fundamental para se entender a institucionalização no processo de gramatização de uma língua de contato com os povos indígenas costeiros. A política missionária jesuítica, empreendida por Nóbrega, inicialmente, tornaria o contato linguístico com indígenas mais pragmático, cedendo os *lingoas*, os intérpretes iniciais, seu espaço para os missionários com formação humanística.

Houve, nesse sentido, uma institucionalização também da política missionária e da gramatização da língua de contato com os povos indígenas, que se aliaram aos portugueses. O superstrato gramatical latino-português, utilizado por Anchieta em sua gramática, caracteriza seu texto como participante da corrente de pensamento do humanismo renascentista português. Nesse aspecto, o modelo de colégio humanístico renascentista, cujo ensino era focado nas Humanidades e, sobretudo na gramática e na prática literária humanística, teria impacto nas primeiras instituições coloniais, como registra a obra de Anchieta.

A gramática de Anchieta não nomeia a língua de contato inicial, mas apresenta o idioma dos Tupinambás como principal língua de contato com os europeus nos núcleos coloniais do Brasil quinhentista, com uma delimitação norte-sul: dos potiguares da Paraíba, mais ao norte, aos tamoios do Rio de Janeiro mais ao sul. Apenas uma variante é registrada, por Anchieta, que é a língua dos Tupis de São Vicente, a língua utilizada pelo missionário em seus textos literários³. Essa seria a língua de contato mais usada na costa do Brasil no

³ O idioma dos Tupinambás era a base de comunicação com os indígenas da costa do Brasil quinhentista, sendo o tupi uma variante, nesse aspecto discordamos da descrição de Navarro, ao tratar o idioma dos Tupinambás como mera variante: "A variante dialetal *tupinambá* era, assim, segundo Anchieta, usada num trecho muito maior da costa (desde o Nordeste até o Rio de Janeiro) que a variante tupi. O tupi só era falado na capitania de São Vicente, aí incluindo-se o planalto de Piratininga, em trechos do atual estado de São Paulo" (NAVARRO, 1999, p. xv). O fato de Anchieta não

século XVI, segundo o missionário jesuíta.

Para descrever a sociedade quinhentista na América portuguesa, podemos nos valer do conceito de processo civilizador de Norbert Elias (ELIAS, 1994), porém, em uma perspectiva ecolinguística, em que a interação entre os diversos povos indígenas e seu ecossistema constituíam uma civilização, não o projeto colonial, que era apenas um projeto que buscava se sobrepor às culturas indígenas, sobretudo as de base Tupinambá, no século XVI.

Já havia, em curso, antes da chegada do europeu, um processo civilizador indígena na ocupação territorial da costa do Brasil, cuja base era a cultura Tupinambá e as demais culturas indígenas à época, de povos oriundos de antiquíssima migração, que, praticamente, desenhou o território do atual Brasil. Nesse território predominariam línguas do grupo tupi, havendo outros grupamentos linguísticos. A chegada do europeu não marca, nessa perspectiva, o início de um novo processo civilizador no território, apenas um encontro entre diferentes culturas, que se tornaria, posteriormente, uma transfiguração étnica, calcada na violência do processo de colonização europeu (RIBEIRO, 2002).

Em virtude das navegações dos reinos absolutistas europeus quinhentistas, alguns projetos coloniais passaram a se desenvolver no território em disputa, pelas coroas de Portugal, França e Espanha, de então. Para cada um desses projetos coloniais, haveria um projeto de colonização linguística para dominação efetiva do território, alguns sendo descontínuos, enquanto o projeto colonial português foi contínuo nos séculos seguintes.

O principal projeto colonial quinhentista no território foi o de Portugal, o Brasil, de base luso-afro-tupi, ao longo do século XVI, que se constituiu na fundação de três cidades, catorze vilas, engenhos, quilombos e missões jesuíticas, além de três colégios e cinco escolas de missionários subordinados a Portugal. Houve a tentativa de implantação do vernáculo português, sobretudo na administração. Após a União Ibérica, marcada pela chegada de outras ordens religiosas, torna-se um projeto colonial ibérico, ainda no século XVI.

Houve um segundo projeto colonial, empreendido pela coroa da Espanha, na América portuguesa quinhentista, de base hispano-carijó, a missão franciscana *Mbiaçá*, entre 1538 e 1548, este projeto colonial foi descontínuo. Os carijós eram indígenas próximos aos guaranis.

O terceiro grande projeto colonial quinhentista, na América portuguesa, foi a França Antártica, tentativa de colonização de base franco-tamoio, com Tupinambás, que perdeu entre 1555 e 1567, na Baía de Guanabara, mas também foi descontínuo. O contato linguístico com indígenas se dava por meio de *truchements*, ou seja, intérpretes.

A base demográfica da sociedade quinhentista costeira era a população Tupinambá,

nomear a língua e Figueira chamá-la de língua brasílica terá impacto no século XIX, quando o naturalista alemão Carl Friedrich Phillip von Martius nomeia o que chamamos de línguas indígenas como línguas brasileiras, nos *Glossaria Linguarum Brasiliensium* (MARTIUS, 1867).

sob uma dominação colonial portuguesa parcial, com o território ainda em disputa, o que torna a língua vernacular de Portugal um superstrato na gramatização empreendida por Anchieta, a que se acresce o latim humanístico. Ainda que três reinos europeus absolutistas disputassem o território, o pensamento linguístico envolvido nos projetos coloniais era o mesmo.

Espanha, França e Portugal buscavam desenvolver seus entrepostos comerciais e colônias ultramarinas nas navegações, após uma profunda reforma educacional, que incluiu a gramatização dos seus vernáculos, a serem implantados nas regiões colonizadas pari passu com a política missionária. A implantação de uma língua como superstrato em território colonial é o que podemos entender por colonização linguística, nesse aspecto. A realidade, porém, era que a língua mais usada na costa do Brasil, no século XVI, era o idioma dos Tupinambás, se levarmos em consideração o título da gramática de Anchieta.

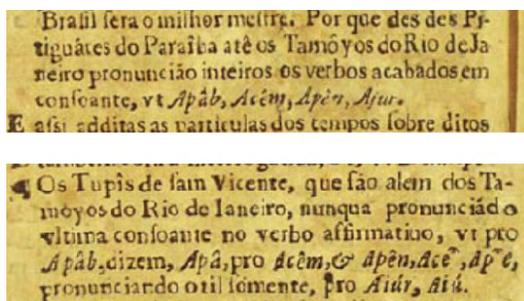


Figura 1 – Duas referências sobre a extensão do idioma dos Tupinambás por Anchieta⁴.

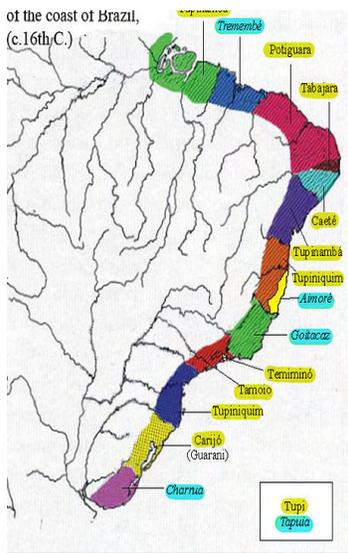


Figura 2 – Mapa hipotético com distribuição das comunidades indígenas quinhentistas⁵.

4 ANCHIETA, 1595, p. 3.

5 Fonte: Internet, 2020.

Nosso projeto, em andamento, prevê a redação de uma obra em dois volumes, sendo o primeiro sobre a recepção do humanismo renascentista no pensamento linguístico da colonização da América portuguesa. Já o segundo volume, um estudo de gramaticografia, contará com uma edição crítica, com tradução e comentários, da gramática de Anchieta, tendo por base a análise intertextual de sua gramática com outras gramáticas renascentistas de sua abrangência referencial.

O projeto está na fase heurística, de coleta de dados, e no início da fase hermenêutica, com a interpretação desenvolvida na construção de uma narrativa sobre o contato linguístico no Brasil quinhentista. Sendo bem sucedido o projeto, é objetivado o desenvolvimento de obra referencial sobre o Brasil do século XVII, em próxima etapa.

REFERÊNCIAS

- ANCHIETA, José de. **Arte de gramática da língua mais usada na costa do Brasil**. Coimbra: António de Mariz, 1595.
- ANCHIETA, José de. **Artes de gramática da língua mais usada na costa do Brasil**. Estabelecimento de texto por Armando Cardoso. São Paulo: Loyola, 1990.
- CAVALIERE, Ricardo. A língua descrita por Anchieta na Arte de Gramática da Língua mais Usada na Costa do Brasil. **Actas do Congresso Internacional Anchieta em Coimbra – Colégio das Artes da Universidade (1548-1998)**. Coimbra: Fundação Eng. António de Almeida, 2000, p. 1161-1168. V. 3.
- ELIAS, Norbert. **O processo civilizador: uma história dos costumes**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994.
- FIGUEIRA, Luís. **Arte da língua brasílica**. Lisboa: Manuel da Silva, 1621.
- FURTADO, Celso. **A formação econômica do Brasil**. São Paulo: Nacional, 1977.
- KALTNER, Leonardo Ferreira. **O pensamento linguístico de Anchieta e Carl von Martius: estudos historiográficos**. Ponta Grossa: Atena Editora, 2020.
- KOERNER, E. F. Konrad. Questões que persistem em historiografia linguística. **Revista da ANPOLL**, Florianópolis, n. 2, p. 45-70, 1996.
- MARTIUS, Carl Friedrich Phillip von Martius. **Wörterammlung Brasilianischer Sprachen. Glossaria linguarum Brasiliensium. Glossario de diversas línguas e dialectos que fallao os Indios no imperio do Brazil**. Leipzig: Friedrich Fleischer, 1867.
- NAVARRO, Eduardo de Almeida. **Método moderno de tupi antigo**. Petrópolis: Vozes, 1999.
- RIBEIRO, Darcy. **O povo brasileiro**. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.
- RODRIGUES, Aryon Dall'Igna. Sobre as línguas indígenas e a sua pesquisa no Brasil. **Ciência e Cultura**, v.57, n.2, São Paulo, p. 35-38, Apr./June, 2005.

SWIGGERS, Pierre. A historiografia da linguística: objeto, objetivos, organização. **Confluência**, Rio de Janeiro, n. 44/45, p. 39-59, 2013.

SWIGGERS, Pierre. Linguistic Historiography in Brazil: impressions and reflections. **Cadernos de Historiografia Linguística do CEDOCH: VII MiniEnapol de Historiografia Linguística**, São Paulo, v. 1, p. 2-7, 2015.

WIKIPÉDIA. **Map of indigenous peoples of Brazil (16th C.)**. Disponível em: [https://pt.m.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:Map_of_indigenous_peoples_of_Brazil_\(16th_C.\)](https://pt.m.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:Map_of_indigenous_peoples_of_Brazil_(16th_C.)).jpg. Acesso em 07 dez. 2020.

ÍNDICE REMISSIVO

A

Aprendizagem de crianças 227

Aquisição 4, 28, 30, 40, 111, 119, 120, 121, 125, 131, 211, 214, 216, 218, 222, 223, 227

Artes 2, 3, 7, 134, 135

C

Currículo 5, 141, 162, 164, 165, 166, 167, 168, 169, 170, 171, 172, 173, 174, 175, 179, 182, 184, 186, 211, 215

D

Direitos linguísticos 96

E

Encenação discursiva 4, 14, 15, 27

Ensino 3, 4, 5, 6, 4, 9, 10, 12, 13, 60, 80, 119, 120, 121, 122, 124, 129, 132, 151, 153, 155, 163, 165, 169, 173, 174, 175, 176, 177, 178, 179, 180, 181, 182, 183, 184, 185, 186, 187, 188, 189, 190, 191, 192, 193, 194, 195, 196, 197, 198, 200, 201, 202, 207, 208, 211, 212, 213, 214, 215, 216, 217, 221, 222, 224, 225, 227, 228, 230

Ensino de Espanhol 6, 197, 202, 207, 211, 212, 215

Ensino híbrido 4, 6, 10, 14, 15, 17, 18, 19, 22, 146, 147, 150, 187, 188, 189, 190, 191, 192, 193, 194, 195, 196

Enunciação 15

F

Formação de professores 5, 9, 164, 165, 166, 185, 186, 209, 230

G

Gramática 4, 1, 2, 3, 4, 6, 7, 9, 10, 11, 12, 13, 64, 81, 93, 120, 121, 122, 123, 124, 132, 133, 184, 210

H

Historiografia 4, 1, 7, 8, 9, 10, 11, 13

I

Intersubjetividade 5, 147, 148, 149, 150, 153, 155, 157, 162

L

Leitura 3, 5, 10, 13, 40, 145, 146, 147, 151, 152, 153, 154, 155, 156, 157, 159, 160, 161, 162, 163, 164, 168, 170, 171, 175, 184, 209, 224, 225, 226, 230

Letras 2, 3, 7, 9, 11, 14, 63, 66, 70, 82, 86, 107, 117, 118, 154, 163, 164, 165, 166, 168, 169, 170, 171, 172, 195, 210, 211, 213, 214, 228, 230

Linguagem 4, 1, 9, 10, 11, 12, 13, 15, 16, 17, 22, 27, 28, 30, 32, 33, 39, 40, 41, 44, 49, 51, 54, 60, 61, 62, 63, 64, 65, 66, 68, 69, 70, 73, 74, 76, 80, 81, 83, 84, 85, 89, 95, 111, 112, 114, 117, 121, 122, 145, 146, 147, 148, 149, 151, 154, 162, 179, 186, 188, 197, 199, 202, 203, 204, 207, 208, 216, 217, 218, 219, 221, 223, 224, 225, 226, 228, 230

Língua portuguesa 5, 10, 41, 58, 65, 117, 119, 129, 132, 133, 163, 174, 175, 176, 177, 178, 179, 184, 186, 210, 215, 216, 217, 230

Linguística 2, 3, 4, 1, 2, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 13, 15, 27, 28, 30, 41, 43, 46, 47, 57, 58, 59, 63, 81, 82, 85, 95, 107, 109, 110, 111, 113, 114, 115, 117, 118, 119, 120, 121, 122, 123, 124, 125, 126, 127, 145, 148, 151, 185, 197, 198, 199, 201, 202, 203, 204, 205, 207, 208, 209, 211, 213, 214, 217, 230

M

Minorias 96, 230

Multiculturalismo 5, 174, 176, 177, 178, 182, 183, 184, 185, 186

Multimodalidade textual 4, 60, 74, 80

P

Pensamento humano 2, 3

Perspectiva dialógica 5, 145

Polidez linguística 4, 41, 43, 46, 58, 59

Preposição 5, 119, 120, 121, 127, 128, 129, 131, 205

S

Síndrome de down 6, 39, 218, 219, 220, 221, 222, 224, 225, 226, 227, 228

Sociolinguística 2, 10, 11, 80, 82, 84, 86, 95, 107, 108, 109, 110, 112, 114, 115, 116, 117, 118, 122

V

Varição linguística 10, 82, 107, 109, 110, 113, 114, 115, 117

Linguística, letras e artes

e o complexo pensamento humano

2



Linguística, letras e artes

e o complexo pensamento humano

2

